

Mladen Ćirić

*Núcleo de Estudos Brasileiros em Belgrado
Sérvia*

RESENHA

Ana Kuzmanović Jovanović. *Sociolingvistička istorija Iberijskog poluostrva i iberoromanskih jezika: sa posebnim osvrtom na kastiljanski (španski), portugalski, galisijski i katalonski jezik*. Beograd: Filološki fakultet, 2020. 228 str.¹

Os estudos ibéricos na Sérvia ficaram significativamente enriquecidos pela publicação, em 2020, da monografia de Ana Kuzmanović Jovanović *História sociolinguística da Península Ibérica e das línguas ibero-românicas: com destaque para as línguas castelhana (espanhola), portuguesa, catalã e galega*. Pesquisadora e professora de alto renome nas áreas de linguística hispânica e ibero-românica, assim como nas de estudos de gênero e de tradução, a autora dá seguimento, neste livro, à apresentação de resultados de pesquisas iniciada há praticamente duas décadas em sua dissertação de mestrado e continuada em vários artigos e outras produções bibliográficas. Desta feita, Kuzmanović Jovanović proporciona aos leitores informações sistematizadas sobre mais de dois milênios da história sociolinguística das línguas ibero-românicas, tanto em seu berço, na Península Ibérica, quanto nos continentes outrora dominados pelos Impérios Hispano e Lusitano.

O livro consiste em treze capítulos, precedidos pelo *Prefácio* e seguidos pelo *Epílogo*, assim intitulados: 1. *Introdução. O fenômeno de mudanças linguísticas*, 2. *Família linguística indo-europeia e indo-europeização da Península Ibérica*, 3. *Da língua latina às línguas românicas: modelo de mudança linguística da sociolinguística diacrônica*, 4. *Constituição de línguas românicas na Península Ibérica: a Reconquista e suas consequências sobre a paisagem linguística ibérica*, 5. *Surgimento da norma escrita e início de padronização das línguas ibero-românicas na Baixa Idade Média*, 6. *Idade Moderna na Península Ibérica: elaboração e decadência das línguas ibero-românicas*, 7. *Expansão das línguas ibero-românicas para fora dos limites da Europa*, 8.

¹ [Ana Kuzmanović Jovanović. *História sociolinguística da Península Ibérica e das línguas ibero-românicas: com destaque para as línguas castelhana (espanhola), portuguesa, catalã e galega*. Belgrado: Filološki fakultet, 2020. 228 pp.]

Século XVIII e ideias do Iluminismo na Península Ibérica, 9. A Península Ibérica na alvorada da Idade Contemporânea: século XIX e ideias do Romantismo, 10. Fin de siècle na Península Ibérica, 11. Línguas ibero-românicas no século XX: entre unitarismo linguístico e diversidade linguística, 12. Línguas ibero-românicas em contato e 13. Línguas ibero-românicas no século XXI e ideologias da língua comum: Pan-hispanismo e Lusofonia.

Abre o livro o capítulo sobre visões teóricas de mudanças linguísticas. A autora apresenta primeiro a perspectiva tradicional para depois compará-la com a perspectiva contemporânea, incorporada na sociolinguística desde a década de sessenta do século XX. Partes do capítulo são dedicadas a motivos, mecanismos e efeitos de mudanças linguísticas, assim como ao seu catalisador mais importante – o contato. O caráter teórico e o papel introdutório do capítulo ficam completos com a última parte, na qual a autora expõe os fundamentos da sociolinguística diacrônica – o suporte teórico-metodológico da análise.

O segundo capítulo traz abundantes informações sobre a origem e ramificação das línguas indo-europeias, de acordo com conhecimentos atualizados, bem como sobre a instalação de alguns povos desta família linguística na Península Ibérica. Seguindo a cronologia da situação demográfica e político-administrativa na área, a autora discorre sobre a chegada dos Romanos à Península, prestando uma atenção especial ao seu idioma como um marco importantíssimo de todo o Império. Fruto do referido fluxo migratório foi o latim hispânico, uma variedade diatópica de muita relevância para o surgimento das línguas ibero-românicas. Uma parte do capítulo é dedicada a suas principais características sociolinguísticas. Após o declínio do domínio romano nas terras ibéricas, instalou-se nelas o Reino Visigodo, o que foi seguido pela invasão muçulmana e constituição do Al-Andaluz. Todos esses acontecimentos tiveram forte impacto no desenvolvimento sociolinguístico da Península, cujos aspectos mais importantes ficam explicados nas últimas partes do segundo capítulo.

O modelo teórico da mudança sociolinguística apresentado no primeiro capítulo fica concretizado no terceiro, em que a autora o aplica à evolução da língua latina e ao surgimento das línguas românicas. Ela expõe a cronologia do desenvolvimento do latim primeiro do ponto de vista tradicional para depois observá-la a partir de uma perspectiva contemporânea, baseada em princípios da sociolinguística diacrônica. Destarte, o leitor tem a oportunidade de compreender melhor quando e como as línguas latina e romance ficaram delimitadas, assim como o processo da diversificação da última nos espaços antes dominados pelos romanos, especialmente na Península Ibérica. O capítulo abunda em informações sobre as primeiras convenções ortográficas elaboradas para os vernáculos ibero-românicos, o que representou um ponto crítico na cronologia de sua evolução. Da mesma forma, o leitor pode informar-se sobre as primeiras manifestações textuais dessas novas variedades linguísticas, tais como documentos feudais em catalão (fortemente influenciados pelo Renascimento Carolíngio) e glossas e outros textos eclesiásticos em castelhano, apresentados aqui de uma maneira crítica e atualizada. A última parte do

terceiro capítulo é dedicada ao surgimento e diversificação da língua galego-portuguesa – uma questão polêmica na linguística ibero-românica, contemplada pela autora de um modo equilibrado e completo.

No quarto capítulo a autora discorre sobre os novos reinos cristãos, surgidos na Península Ibérica desde o século VIII, bem como sobre o seu papel na Reconquista. Foi este o período que determinou a supremacia de umas variedades diatópicas das línguas ibero-românicas sobre outras. No caso do castelhano, foram as variedades setentrionais que predominaram; no do galego-português, foram as meridionais. Esta conquista da primazia de certas variedades teve seu seguimento no processo de padronização linguística na Baixa Idade Média, retratado pela autora no quinto capítulo. A padronização do castelhano, catalão, galego e português fica explicada com fundamento no papel das elites em cada entidade administrativa e nas atividades de personagens monárquicos.

Como continuação das considerações sobre a padronização linguística, no sexto capítulo a autora interpreta a elaboração e decadência das línguas ibero-românicas na Idade Moderna. Esta foi uma época decisiva para o predomínio do castelhano no novo reino, decorrido do casamento dos Reis Católicos, bem como para a sua nova posição do idioma nacional. Uma parte do capítulo é dedicada ao Século de Ouro da língua e literatura espanhola, período em que o castelhano consolidou sua preeminência e prestígio na maior parte da Península Ibérica. Esta parte do capítulo é seguida por outra, direcionada para o auge literário e início de declínio da língua catalã. Finalmente, volta a autora, na última parte do capítulo, para a questão galego-portuguesa, baseando-se em diferenças sociais, políticas, econômicas e culturais entre a região da Galiza e o Reino de Portugal.

O sétimo capítulo transpõe a análise da história sociolinguística das línguas ibero-românicas para fora do continente europeu. Acompanhando a cronologia dos “descobrimientos” espanhóis e portugueses, a autora dirige sua atenção investigativa para as ilhas atlânticas conquistadas pela Espanha (Ilhas Canárias) e Portugal (Açores, Madeira, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe), para as terras africanas ibero-romanizadas (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Guiné Equatorial) e para as colônias portuguesas e espanholas na Ásia, com destaque para a Índia Portuguesa e para as Filipinas. A maior parte do capítulo é dedicada às línguas castelhana e portuguesa nas Américas. Reflexiona a autora sobre a natureza da administração colonial, relações entre os colonizadores, de um lado, e tiranizados locais, aos quais foram agregados milhares de africanos escravizados, de outro, assim como sobre as consequências do domínio espanhol e português nas Américas. Ela expõe, ademais, as teorias sobre a origem do espanhol americano, oferecendo, também, um panorama de seu mapa dialetológico. Uma parte do capítulo trata de peculiaridades sociolinguísticas do português brasileiro. Encerram o

capítulo informações detalhadas sobre os crioulos de base portuguesa e espanhola, inclusive sobre a hipótese crioula de origem do vernáculo brasileiro.

Os três capítulos seguintes cobrem os séculos XVIII e XIX no tangente à situação das línguas ibero-românicas nos dois lados do Atlântico. A autora põe de manifesto a repercussão do Iluminismo, no século XVIII, sobre a ideia de estabelecer uma língua nacional para todo o Estado, o que teve sua concretização nas atividades de planejamento linguístico institucionalizado. A diversidade linguística da Península Ibérica e das novas nações latino-americanas foi cedendo o lugar ao unitarismo. Este processo continuou, como demonstra a autora, no século XIX, porém contrariado por tendências de reafirmação de identidades regionais, influenciadas pelo Romantismo. Tais tendências tiveram forte impacto sobre o Renascimento Catalão e Galego, mas não deterioraram a unidade linguística do espanhol e português d'aquém e d'além-mar. O *Fin de Siècle*, por sua vez, trouxe novas tentativas de fortalecer a unidade das línguas nacionais na Península. Neste contexto, a autora dirige uma atenção especial à análise crítica do papel que Menéndez Pidal – a figura mais importante da filologia hispânica nos séculos XIX e XX –, exerceu na implantação do castelhano como a língua nacional da Espanha.

No capítulo décimo primeiro, a autora perpassa por turbulências políticas, econômicas e sociolinguísticas do século XX na Península Ibérica. A análise das posições específicas das línguas castelhana, catalã e galega nos períodos da Segunda República Espanhola, Guerra Civil, do Franquismo e Pós-franquismo demonstra como o século passado foi estruturando a paisagem linguística atual da Península. E no que diz respeito à atualidade, a autora indica o fato de haver grandes conquistas democráticas, por um lado, mas também novos desafios para as línguas ibero-românicas, principalmente para o catalão e galego, por outro.

O capítulo décimo segundo é voltado para duas variedades que surgiram de contato do espanhol com outras línguas. A primeira é o judeu-espanhol, língua falada por sefarditas, espalhada por diversas partes do mundo devido à sua expulsão da Península Ibérica. Além da trajetória dos sefarditas e sua língua após essa expulsão, a autora presta uma atenção especial à posição e evolução do judeu-espanhol nos Balcãs, assim como à situação contemporânea desta língua e sua comunidade falante. Não obstante as previsões pessimistas para a manutenção da língua, conclui a autora que se tem consolidado, nos últimos anos, um novo domínio de exercício da identidade (linguística) dos sefarditas – o universo virtual da Internet. A segunda variedade abordada no capítulo é o *spanGLISH*, um fenômeno multifacetado, típico de comunidades hispânicas nos Estados Unidos. A autora nos apresenta sua origem, estrutura e umas breves considerações sobre seu futuro.

Encerra o livro o capítulo sobre ideologias de língua comum relativas ao espanhol e português no século XXI. Ainda que se trate de um tema sincrônico por excelência, a autora consegue relacioná-lo convictamente à sua análise no contexto da sociolinguística diacrônica. No que concerne ao espanhol, ela expõe os fundamentos ideológicos do Pan-

hispanismo, revelando o eurocentrismo e hegemonia da Real Academia Espanhola nas atividades coletivas da Associação das Academias da Língua Espanhola. No que se refere ao português, o leitor pode informar-se sobre o conceito, relativamente novo, da Lusofonia, sobre suas matrizes ideológicas e sua institucionalização através de atividades da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Nesta esfera, a autora chama a atenção para o predomínio das variantes europeia e brasileira da língua sobre as africanas e asiáticas.

A lista de referências bibliográficas, assim como os demais elementos peritextuais do livro, demonstra o rigor e o empenho metodológicos da autora, revelando o seu elevado conhecimento da produção acadêmica clássica e atual sobre as línguas ibero-românicas, por um lado, e sobre diversos temas sociolinguísticos, por outro. Este elemento da obra proporcionará, ademais, umas diretrizes de muito valor ao leitor interessado em aprofundar suas noções sobre aspectos específicos dos temas abordados nos capítulos.

Fonte valiosa de numerosas e atualizadas informações históricas e demográficas, além de (socio)linguísticas, o livro cuja resenha ora oferecemos representa uma contribuição significativa para diversas áreas de conhecimento. Trata-se do primeiro estudo monográfico publicado em língua sérvia sobre história sociolinguística da Península Ibérica e de suas extensões históricas, políticas, culturais e, sobretudo, linguísticas ultraeuropeias. Embora haja na Sérvia uma vasta gama de produções bibliográficas sobre temas de linguística hispânica, incorporada em uma tradição de cinquenta anos do hispanismo acadêmico sérvio, até a data pouca atenção foi dada, neste âmbito, a pesquisas sociolinguísticas diacrônicas da língua espanhola. Além disto, escassos são os estudos sérvios sobre temas relativos às línguas portuguesa, catalã e crioulas de base ibérica, sendo praticamente inexistentes no tangente à língua galega. Neste sentido, o livro aqui apresentado agrega muito valor ao corpus de conhecimento sobre o mundo ibero-românico e constitui um importante ponto de partida para pesquisas futuras. Em termos de público leitor, encontrarão nele informações valedouras e fidedignas não apenas os estudantes de letras hispânicas e pesquisadores de temas ibéricos, como também todos os interessados em fenômenos de diacronia e mudanças linguísticas.

Mladen Ćirić

Núcleo de Estudos Brasileiros em Belgrado

mladen.ciric@itamaraty.gov.br

